Lição 3: Justificação da definição de movimento

291. Tendo dado a definição de movimento e uma explicação de cada uma das palavras da definição, o Filósofo agora mostra que se trata de uma boa definição:

Diretamente;

Indiretamente, em 293.

292. Quanto ao primeiro ponto [200], ele utiliza o seguinte argumento: Tudo o que está em potência pode, em algum momento, estar em ato; mas o "edificável" está em potência. Portanto, pode haver, em algum momento, um ato do "edificável" enquanto é edificável.

Mas este ato é ou a própria casa ou a sua construção. Contudo, "casa" não é o ato do "edificável" enquanto "edificável". Visto que o "edificável" como tal está sendo reduzido ao ato quando a construção está acontecendo, mas quando a casa já existe, ela não está mais sendo construída. Logo, a construção é um ato do edificável enquanto tal. A construção, no entanto, é um certo movimento. O movimento, portanto, é o ato de uma coisa existente em potência enquanto tal. O mesmo vale para outros movimentos.

É claro, portanto, que o movimento é o tipo de ato descrito acima, e que algo está sendo movido apenas quando está em tal ato, e nem antes nem depois — não antes, pois se está apenas em potência, o movimento não começou; nem depois, pois agora cessou completamente de estar em potência, por estar em ato perfeito.

293. Em seguida [201], ele mostra indiretamente que é uma boa definição, demonstrando que o movimento não pode ser definido de nenhuma outra maneira. Quanto a isso, ele faz três coisas:

Propõe o que pretende;

Apresenta definições dadas por outros e as rejeita, em 294.

Explica por que outros definiram o movimento como o fizeram, em 295.

Diz, portanto, que duas coisas mostram por que a definição dada de movimento é boa:

Primeiro, porque as definições que outros deram são inadequadas;

Segundo, porque é impossível definir o movimento de outra forma senão como Aristóteles o definiu, sendo a razão que o movimento não pode ser colocado em nenhum outro gênero senão o

de "ato de uma coisa existente em potência".

294. Então [202], ele exclui as definições de movimento dadas por outros. Estes seguiram um curso tríplice em suas definições. Pois disseram que o movimento é "alteridade", porque a coisa que está sendo movida muda constantemente de um estado para outro. Da mesma forma, disseram que o movimento é "desigualdade", porque a coisa que está sendo movida aproxima-se de seu termo sempre mais e mais. Disseram também que o movimento é "não-ser", porque a coisa que está sendo movida ainda não possui aquilo para o qual está sendo movida enquanto está sendo movida — como aquilo que está sendo movido em direção à brancura ainda não é branco.

O Filósofo destrói essas definições de três maneiras.

Primeiro, examinando o sujeito do movimento. Pois, se o movimento fosse "alteridade", "desigualdade" ou "não-ser", então tudo o que possuísse qualquer uma dessas três características estaria necessariamente em movimento — naquilo em que esse movimento ocorre, a coisa está sendo movida. Mas coisas que são outras não são necessariamente movidas pelo fato de serem "outras", nem pelo fato de serem "desiguais", nem pelo fato de "não existirem". Segue-se, portanto, que alteridade, desigualdade e não-ser não são movimento.

Em segundo lugar, ele demonstra o mesmo examinando o termo para o qual o movimento tende. Pois movimento e mudança não tendem mais para a "alteridade" do que para a "semelhança", ou para a "desigualdade" mais do que para a "igualdade", ou para o "não-ser" mais do que para o "ser". Pois a geração é uma mudança para o "ser", e a corrupção para o "não-ser". Logo, o movimento não é "alteridade" mais do que "semelhança", "desigualdade" mais do que "igualdade", "não-ser" mais do que "ser".

Em terceiro lugar, ele demonstra o mesmo examinando o termo do qual o movimento se origina. Pois, assim como alguns movimentos partem da alteridade, da desigualdade e do não-ser, outros partem de seus opostos. Portanto, não há razão para situar o movimento nos gêneros mencionados mais do que em seus opostos.

295. Em seguida [203], ele aponta por que alguns definiram o movimento das maneiras mencionadas. A respeito disso, faz duas coisas:

Primeiro, atribui a razão do que já foi dito.

Em segundo lugar, explica uma suposição que havia feito, em 296.

Ele diz, portanto, que a razão pela qual os filósofos antigos colocaram o movimento nos gêneros mencionados (a saber, "alteridade", "desigualdade" e "não-ser") é que o movimento parece ser algo indeterminado, i.e., algo incompleto e imperfeito, como se não possuísse uma natureza determinada. E por ser indeterminado, seu lugar próprio parecia estar no gênero da privação. Pois quando Pitágoras estabeleceu duas ordenações da realidade, em cada uma das quais colocou dez princípios, os princípios do segundo grupo foram por ele ditos indeterminados porque eram privativos. Eles não eram, de fato, determinados por uma forma no gênero da substância, nem pela forma da qualidade, ou por qualquer forma especial em qualquer desses gêneros, ou pela forma de qualquer um dos outros predicamentos.

Em um desses grupos, os pitagóricos colocaram dez coisas: finito, desigual, um, direito, macho, repouso, reto, luz, bem, triângulo equilátero; no outro, colocaram: infinito, igual, muitos, esquerdo, fêmea, movimento, oblíquo, escuro, mal e triângulo escaleno.

296. Em seguida [204], ele dá a razão pela qual o movimento é colocado entre os indeterminados. E diz que a razão para isso é que o movimento não pode ser colocado nem na potência nem no ato. Pois, se fosse colocado sob a potência, tudo o que estivesse em potência, por exemplo, à quantidade, estaria sendo movido segundo a quantidade. Se, por outro lado, fosse incluído sob o ato, então todas as coisas que fossem atualmente quantificadas estariam sendo movidas segundo a quantidade.

Ora, é verdade que o movimento é ato, mas é ato imperfeito, um meio-termo entre potência e ato. E que ele é ato imperfeito fica claro pelo fato de que aquilo do qual ele é ato é um ser em potência, como afirmado acima (l.2, no.285). E é por isso que é difícil apreender o que é o movimento. Pois, à primeira vista, ele parece ser inteiramente ato ou inteiramente potência, ou então estar contido sob a privação, como parecia aos antigos que o chamavam de "não-ser" ou "desigualdade". Mas nada disso é possível, como mostramos acima (no.294). Logo, segue-se que há apenas uma maneira de definir o movimento: a saber, que ele é o tipo de ato que dissemos, i.e., o de uma coisa existente em potência.

É difícil deter-se sobre tal ato por causa da mescla de ato e potência; no entanto, que exista tal ato não é impossível, mas contingente.

Revision #2
Created 27 September 2026 17:52:27 by Admin
Updated 1 October 2026 23:39:58 by Admin